

Caeru

março 003



Carta de abertura

Caro leitor,

Entramos em nossa terceira edição da Caeru, esse número é muito simbólico para nós, mãos construtoras da revista. Aqui é onde tudo se expande. Entregar mais uma edição da Caeru é continuar acreditando no propósito que nos motiva a colocar ela no mundo.

Novos colaboradores entram nessa edição para somar ao grupo de pessoas que anseiam por se expressar através de sua arte. Meus verdadeiros agradecimentos às pessoas novas dessa edição, que aqui possa ser um dos seus espaços para se expressar e compartilhar o que você tem de melhor para o mundo.

Se a primeira edição foi um início e a segunda um reconhecimento, a terceira é travessia. É quando a gente deixa de apenas experimentar e começa a se permitir ir além, expandir ideias, testar, ocupar novos espaços, internos e externos.

Talvez você encontre nestas páginas algo que dialogue diretamente com o seu momento. Ou talvez encontre o contrário: algo que te provoque, te desloque, te convide a olhar por outro ângulo. E tudo bem. A Caeru também existe nesse espaço de respiro e questionamento, onde nem tudo precisa de respostas imediatas.

Seguimos construindo, aprendendo e nos abrindo para o que ainda não sabemos. Porque, no fim, criar também é isso: um gesto de coragem diante do desconhecido.

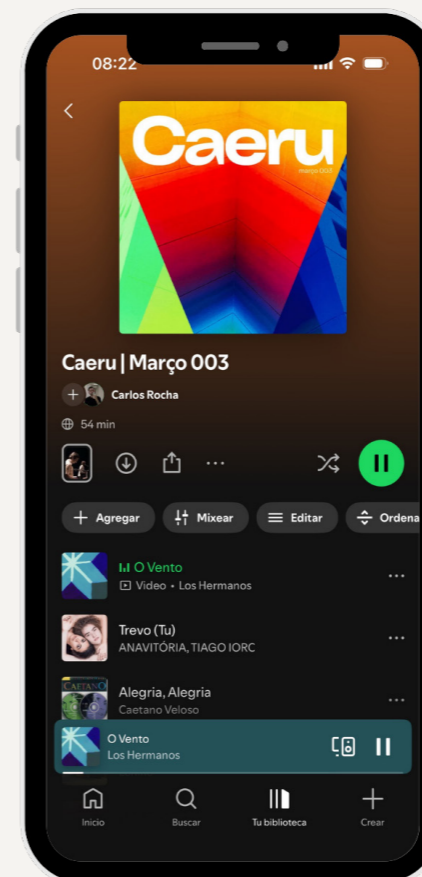
Carlos Rocha

Playlist - Caeru 003

A Caeru agora está no Spotify, trazendo uma playlist para cada edição como uma forma de expandir a experiência para além das páginas.

A playlist 003 reúne uma seleção que acompanhou o processo criativo da edição e reflete o ritmo das páginas, com foco em expansão e novos horizontes.

A proposta é acompanhar, atravessar e ampliar a leitura — no seu tempo, do seu jeito.



[Link Playlist Caeru 003](#)



Sumário

6

Expressão



24

Pensar é criar



14

Olhar Caeru



18

Cotidiano Criativo



28

Inspiração



Instruções de NAVEGEÇÃO

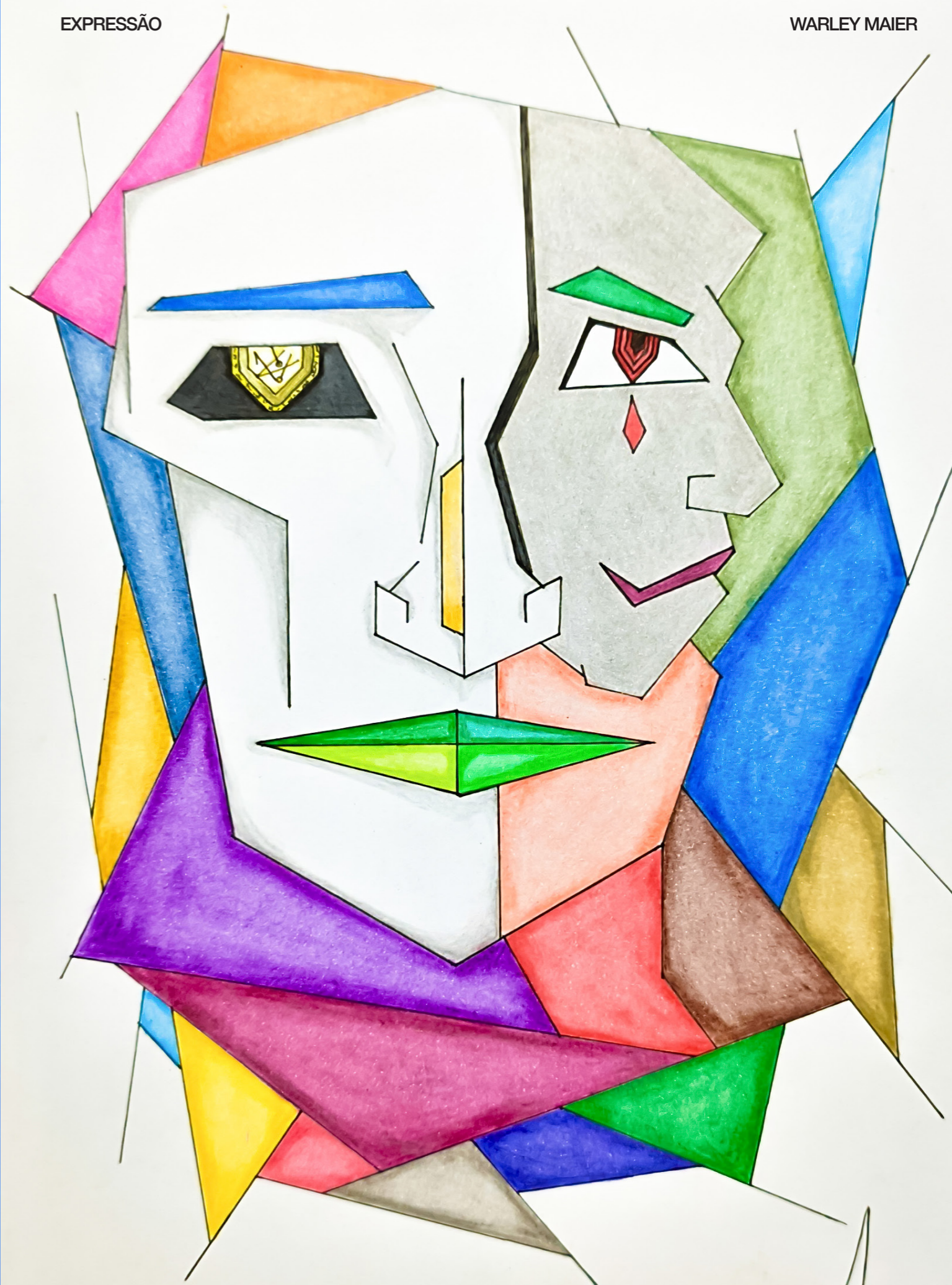
Abandonem seus barcos
saídos da ilha do conhecido
Que diferença faz
se já se sentia perdido

Remem ao Ponto Nemo
Não há possibilidade de terra à vista
Qual é o seu tesouro
Piratas focam na conquista

Olhe para dentro
escute o canto
Se permita levar
aí reside o encanto

Não precisa de coragem
só precisa de abertura
Sirena em zona Hadal
é magia de cura

Quem sabe nadar nas próprias águas
não se perde em outros oceanos



CHUVA ISOLADA

Queria eu dormir ouvindo música
 Me arrepiar com os trovões no céu
 Seguir sentindo o cheiro da chuva
 O cheiro da chuva na minha rua

Cuidadoso o suficiente pra saber fazer silêncio
 Mas não o suficiente pra não machucar ninguém com isso
 No fim, ainda se trata de eu não conseguir fazer o que eu preciso
 Por estar distraído buscando respostas pro meu destino
 Por alguma razão primitiva eu queria conseguir ser mais franco
 Por diversas razões as pessoas preferem algumas folhas em branco
 Minha proteção é um conjunto de armaduras balanceadas
 Nelas minha alma repousa sobre doce serenata

Durante o anoitecer ela brilha
 E no quintal de casa na borda de uma ilha
 Enquanto eu puxava e a fumaça subia
 Abri meu coração para o que viria

Em alguma janela ouvindo 7 do Linguini
 Lembrando dos 7 poemas que escrevi por amor
 O amor é a quarta lei da termodinâmica
 É só uma questão de lidar com o calor
 Independente de qualquer que seja a realidade
 Meus pensamentos sempre serão seus
 Serei o pensamento sutil no fim da tarde
 O quadro na parede que lhe surpreendeu

Talvez eu deva viver pra ficar demente aos 50 e surdo aos 40
 Se por algum acaso eu ainda passe dos 33 33,3333333333...
 Escrevendo da forma mais sincera possível aos 24
 Tentando acreditar nas maravilhas do mundo sendo o 8°
 Lembro de quando eu chorava por amor com 12
 A primeira Tempestade veio só aos 14
 Cantando alto aquela do Nenhum de Nós aos 17
 Quando eu ainda queria viver até os 97

[...]

Eu tenho a natureza de uma estrela
 Uma guerra infinita em equilíbrio
 O Yin Yang nunca foi tão lindo
 Às margens da coroa solar
 As forças se equilibram
 É a vida existindo
 A Perspectiva Cósmica é um espelho
 Uma autobiografia de tudo que há
 Meu Deus se chama Cosmos
 Nele eu habito e confio
 Que tudo então será
 Parte dos nossos

Leveza

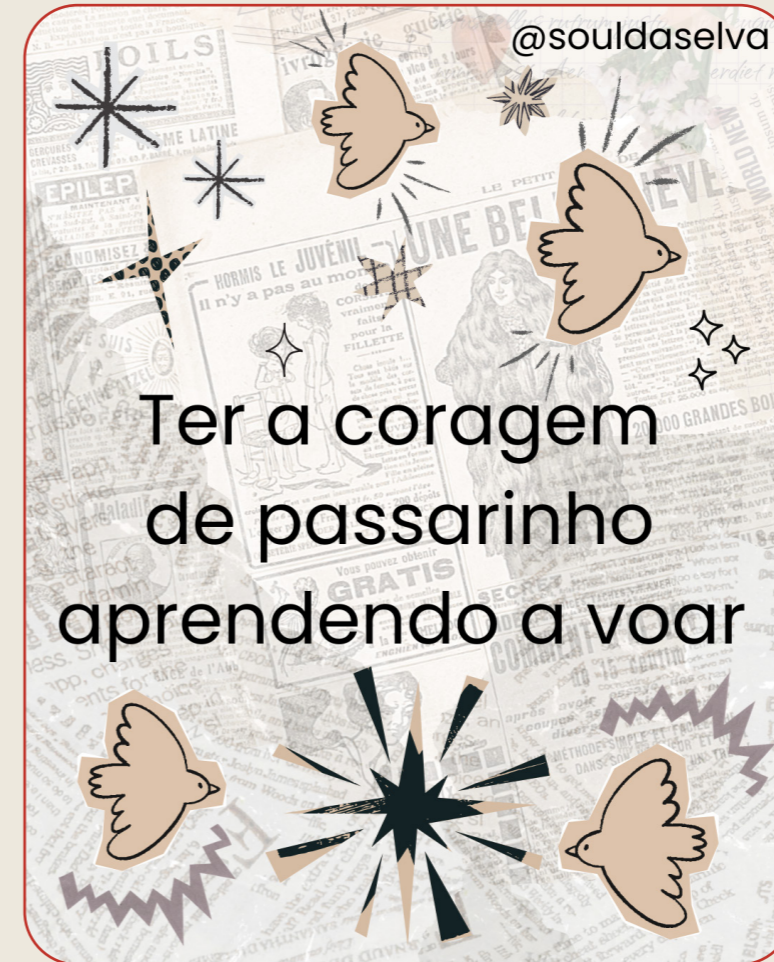
Seria uma pena
Mas não pode ser
Perscrutaria cada fio
Viveria por saber

Claramente mais pesada
E a pena não é ser
Adorna a vida com estio
Usa a pena para escrever

É tanta pena que dá asa
Voa sem sair do chão
Palato que se dilata
Sabor de cognição



O dia só
começa quando
você o abraça
e aceita vivê-lo





O sol
que ilumina
a lua
que ilumina
você

DO AUTOR

Me encanta a possibilidade de criar e explorar as expressões artísticas. A arte, para mim, é um espaço de descoberta, sensibilidade e imaginação. É nela que encontro formas de olhar o mun-

do com mais curiosidade e liberdade. Acredito na arte como magia, é um caminho de expressão e transformação capaz de despertar novas maneiras de existir.

“AGILE” OU DEVAGAR, A ERA PHYGITAL VAI TE ATRAVESSAR!

SXSW apresenta ao mundo o hype da economia digital regenerativa. A nova era de convergências tecnológicas aponta para a pavimentação do 6G, a “internet dos sentidos”.



Foto de Divulgação SXSW 2026 – Fotógrafa Jordan Hefler

A cada ano, o ecossistema *tech* amplia suas trocas de conhecimentos em um dos maiores e mais influentes festivais de inovação do mundo, o *South by Southwest* (SXSW). A 40ª edição do evento aconteceu entre os dias 12 e 18 de março de 2026, em Austin, nos EUA. Sob o tema “*All Together Now*”, o público foi convidado a refletir acerca das tecnologias como o principal

vetor de transformação da sociedade contemporânea. Neste ano, o SXSW enfatizou a “conexão humana”, a “IA humanocêntrica” e ainda trouxe os sujeitos e as comunidades como peças essenciais para o movimento de convergência na Transformação Digital.

À primeira vista, pode parecer uma abordagem antiga! No entanto, é notório que quem está “olhando para frente”, assim como



Foto de Divulgação SXSW 2026 – Fotógrafa Jordan Hefler

os futuristas do Festival, já compreendeu que o uso frequente de novas tecnologias, sem a devida reflexão, compromete o que há de mais humano nos sujeitos: o pensamento crítico, o aprendizado e a criatividade. É nesse contexto que foi apresentado o conceito de “*Society in the Loop*”, sendo uma proposição - quase que de viés equânime - que embasou o evento e que defendeu uma integração de normas sociais, valores éticos e a supervisão coletiva no desenvolvimento e controle de sistemas digitais do futuro. Ou seja, um molde que coloca o bem-estar, a ética e o controle humano como prioridades fundamentais no desenvolvimento de inovações.

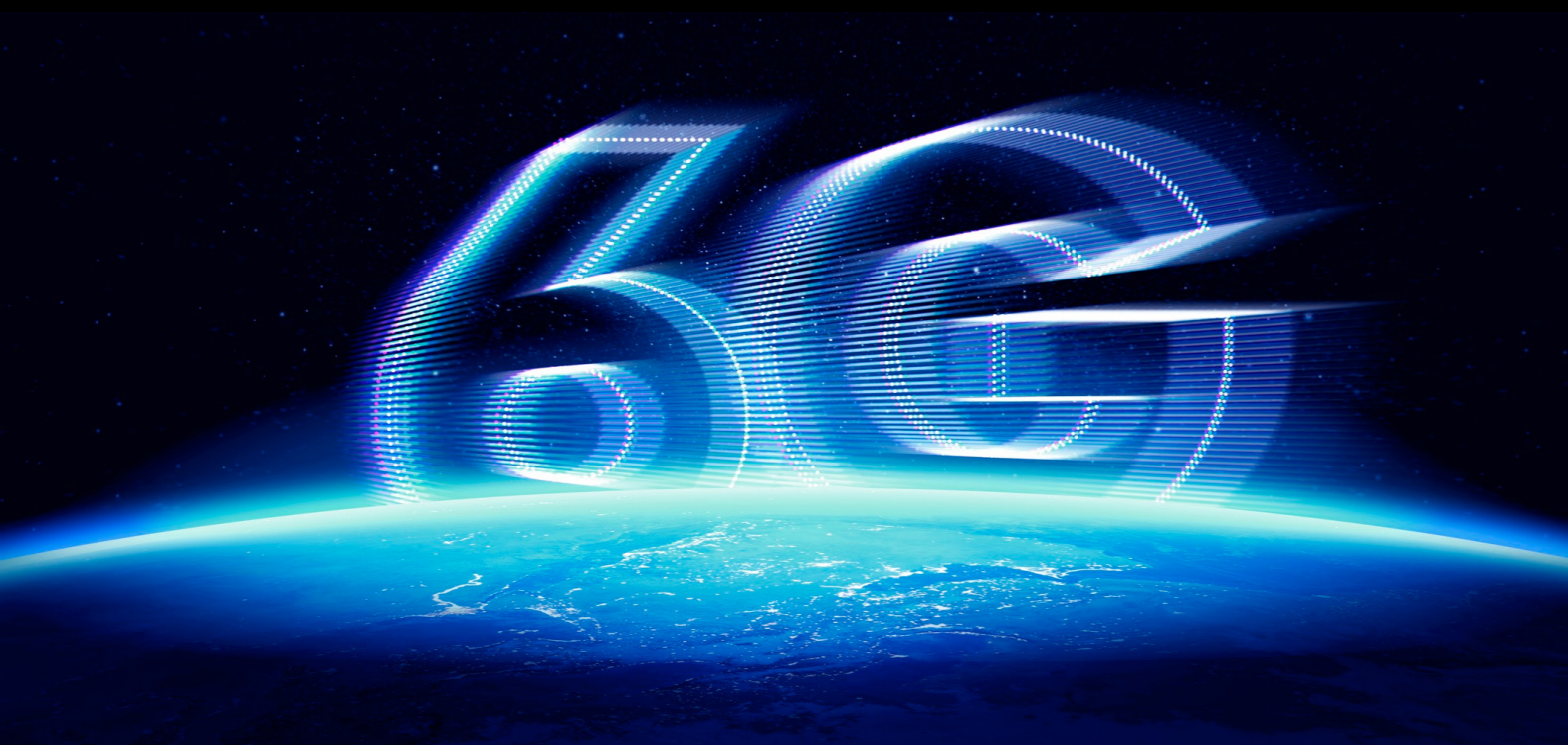
O SXSW mudou de abordagem, seja nas principais mesas de discussão ou nas

paralelas. O destaque para as *social skills* é o indício de que há algo maior acontecendo nesta conjuntura *tech*. Não é coincidência, mas sim uma intencionalidade digital e discursiva, que os painéis tenham destacado o fator humano como uma potência capaz de gerar a consolidação e o impacto real dessas transformações no planeta. Ainda há a permanência do cenário em que as infraestruturas econômicas redefinem quem decide, quem assume riscos e, acima de tudo, quem lucra com a “*pixelização*” em um elemento econômico decisivo. No entanto, a neutralidade desta nova era tecnológica, advinda dos epicentros, passa a ser resignificada! É o primeiro ano em que a discussão viral do Festival perpassa pela intersecção dVV

que as novas tecnologias seguem sendo instrumentos de poder, controle e que demandam uma promulgação e pactos de interesses humanos para o futuro do mundo.

Em camadas mais profundas de discussão a respeito desta participação ativa na chamada “governança tecnológica”, foram destacadas duas percepções importantes: a terceirização de relações emocionais para sistemas digitais e a redução da tolerância

pansão das ferramentas digitais, pelas metodologias cada vez mais ágeis no trabalho e pela convivência com sistemas automatizados e, muitas vezes, monetizados. Toda essa plataformização e as novas técnicas que estruturam as funções laborais, por exemplo, podem tornar os processos mais rápidos e produtivos, porém também podem gerar diversas tensões ao romperem etapas que são fundamentais no aprendizado contínuo.



das pessoas à complexidade das relações reais. Na busca por soluções mais eficientes e aceleradas, as estratégias físicas e digitais deparam-se também com dois fatores imutáveis: a interface homem-máquina e a mecanização paradoxal entre o real e o virtual. Ambos os enfoques são explicados pela ex-

As intercessões discursivas do South by Southwest (SXSW) transitaram inclusive pela percepção de que a eficiência e a formação humana são capazes de seguir caminhos com bases tecnológicas que esgotam equipes, principalmente em ambientes de alta pressão. A explicação está igualmente em uma

conexão humana onde os resultados e engajamentos tecnológicos ultrapassam a necessidade exclusiva de produção. Ou seja, ainda que no digital, a construção de sentido e a clareza dos propósitos humanos estão mais associadas a um processo dinâmico e subjetivo, frequentemente ritualizado e que necessita gerar impacto pessoal e social, do que a uma métrica acelerada, de ciclos contínuos e ainda sem vínculos definidos. É como se as escolhas pela hiperconectividade e pelo leapfrogging já estivessem gerando um colapso no pensamento humano, bem como o rompimento de rituais, protocolos e de construções de sentidos que são importantes para as áreas cognitivas. Apesar da plasticidade cerebral e resiliência, o resultado ainda é a solidão e o nascimento de um dito “sujeito pixelar”, em que a subjetividade humana, nesse meio da estrutura digital, passa a caminhar fragmentada de coletividade e sentido.

Assim como o ecossistema tech caminha para a fase de protocolos, pesquisas e desenvolvimentos pioneiros para a sexta geração de redes móveis (6G), o South by Southwest (SXSW) escancara ao mundo que a autonomia no consumo da tecnologia intuitiva similarmente já depende de um contrato social. Faz sentido introjetar que, em um futuro que os players tech já investem para uma “internet dos sentidos” (como a chegada do 6G já vem sendo denominada),

haja a busca por uma possível digitalização do sistema sensorial e saberes dos sujeitos. Apesar disso, a métrica deverá ser feita em uma integração e acordo ativo, com normas, para a sociedade, a fim de que a própria subjetividade humana não se dilacere.

O pragmatismo tecnológico, muito presente nos dois últimos anos, agora abre espaço a uma proposição de inovação que vai além das tendências isoladas e que até mesmo objetiva a transversalidade humana, a aceleração de perspectivas, assim como a economia. As principais temáticas do SXSW (IA; futuro do trabalho; saúde mental, ciência e biotecnologia; startups; economia criativa; entre outras) convergem exatamente para a construção de uma “economia digital regenerativa”. Em um mundo cada vez mais phygital (físico e digital), o hype é restaurar e revitalizar ecossistemas, além de fortalecer comunidades! Essa integração da comunicação, computação e detecção de todas as essencialidades das novas tecnologias, anseia por experiências humanas mais sustentáveis. A ideia é que a convergência conecte e permita mudanças complexas e estruturais, assim como crie um futuro ecossistema de aceleração com maior maturidade digital, mais fluido, imersivo, personalizado e equilibrado. Surge assim esse paradigma, um possível garantidor de um desenvolvimento tecnológico e que até mesmo restitua a preservação da dignidade humana.



[Link para acessar vídeos das entrevistas do evento SXSW](#)



Alfaiataria contemporânea e o legado do dandismo negro

Vestir-se sempre foi político

A alfaiataria voltou ao centro da moda contemporânea com força renovada. Tradicionalmente associada a ambientes formais e executivos, essa estética clássica vêm se reinventando, encontrando espaços em contextos mais casuais e urbanos. Sua ascensão reflete uma mudança cultural significativa, em que sofisticação e elegância passam a ser reinterpretadas no cotidiano. Essa transformação é impulsionada pela crescente valorização da autenticidade e da indi-

vidualidade na moda. Designers e marcas têm explorado novas formas de combinar a alfaiataria com elementos do streetwear, criando looks que são ao mesmo tempo elegantes e descontraídos. Essa fusão de estilos não apenas quebra as barreiras entre o formal e o informal, mas também democratiza o acesso a um estilo que, historicamente, era reservado à elite.

A moda, além de toda a representação estética e subjetiva que lhe é agregada, carrega também

a responsabilidade de ser uma ferramenta comunicacional, política e um reflexo da estrutura social que permite através de uma análise histórica, semiótica e antropológica uma leitura do cenário da época, atuando como um documento histórico material. O historiador James Laver dizia que “as roupas são o reflexo da alma de uma época”. Assim como a minissaia, nos anos 60, foi um símbolo de libertação feminina, e o punk rock, nos anos 70, uma resposta estética à crise econômica — entre outros movimentos de contracultura — está o dandismo negro.

A alfaiataria volta à moda, mas, para pessoas negras, ela era apenas tendência ou uma ferramenta na expressão e construção de uma identidade? O dandismo é um movimento que surgiu na Europa no final do século XVIII e início do XIX, que tem como figura central Beau Brummell. Ele tornava o ato de se vestir uma performance aliada a elegância, postura social e estilo de vida buscando distinção social. Paralelamente, nesse mesmo período, homens negros, muitos deles ainda escravizados, já eram inseridos nesse universo como “ornamentos de luxo”, vestidos e treinados segundo padrões aristocráticos europeus. A partir dessa imposição, nasce uma inflexão importante: ao se apropriarem desses códigos de vestimenta e comportamento, esses sujeitos

passam a ressignificá-los, usando a elegância não como submissão, mas como linguagem a fim de confrontar estereótipos raciais e reivindicar humanidade. Essa apropriação se consolida como estratégia no século XIX e início do XX especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra.

O conceito de “dândi negro”, posteriormente nomeado por Zora Neale Hurston (antropóloga e folclorista) em 1934, expressa essa transformação: vestir-se com elegância torna-se um gesto político, uma maneira de manipular

os códigos da elite branca e afirmar autonomia.

Nesse contexto, o dandismo negro não apenas incorpora a estética aristocrática, ele a subverte.

Essa ruptura provoca rechaço, então, ainda no século XIX surge a prática Blackface em que

homens brancos pintavam o rosto de preto para caricaturar pessoas negras, inclusive, a figura do dândi negro. Ao ridicularizar essa imagem, o blackface evidencia o caráter disruptivo do dandismo. Assim, ao longo da história, o dandismo negro se consolida como mais do que estilo — uma forma de reescrever identidades e confrontar estruturas de poder.



Zora Neale

Existe uma dicotomia nesse movimento que revela uma tensão constante entre liberdade e imposição em um duelo entre protagonista e refém: vestir-se bem pode, ao mesmo tempo, empoderar, libertar e fortalecer a narrativa de protesto ou aprisionar e oprimir considerando uma lógica de performance que reforça uma necessidade de aceitação dentro de padrões que não foram criados por ou para sujeitos negros.

Através de uma perspectiva atual, em uma sociedade historicamente marcada pela ima-

gem e pela espetacularização, principalmente em tempos de mídias sociais, é inevitável que surjam alguns questionamentos: para além da aparência, esses corpos estão sendo realmente reconhecidos em sua totalidade? Ou permanecem reféns de uma validação externa que exige constante comprovação? Percebe-se então que o dandismo elucida um paradoxo contemporâneo expondo o peso de uma estrutura social que ainda condiciona pertencimento àquilo que é visto e revelando uma exigên-

cia histórica que persiste até os dias de hoje: para pessoas negras, vestir-se bem muitas vezes não é apenas escolha, mas uma tentativa de acesso e manutenção da vida em espaços historicamente excludentes em um fenômeno complexo que mistura estratégias de sobrevivência, resistência cultural e resposta ao racismo estrutural.

Exemplos como os sapeurs (dândis Congolezes), ligados à La Sape (Société des Ambianceurs et des Personnes Élégantes), que chegam a abrir mão de necessidades básicas para

sustentar uma imagem de elegância, evidenciam o peso simbólico dessa construção. Ainda assim, essa “armadura” não garante pertencimento: relatos contemporâneos, como o da influenciadora Jacira Doce, mostram que, mesmo quando a aparência atende aos códigos de status, a raça continua sendo o primeiro marcador social. Nesse paradoxo, a moda se revela ao mesmo tempo ferramenta de afirmação e reflexo das desigualdades que tenta, sem sucesso pleno, contornar.

Você deve estar se perguntando onde estão as mulheres nesse movimento historicamente associado a uma estética masculina. E a presença feminina não só existe, como tensiona seus próprios limites subvertendo não apenas os recortes de raça, mas também os códigos de gênero. Mulheres têm se apropriado da alfaiataria para afirmar autonomia estética expressando o power dressing enquanto ocupam espaços até outrora renegados, recusando a diferenciação, a invisibilização e a hipersexualização. Figuras como Janelle Monáe exemplificam esse movimento ao incorporar ternos e referências andróginas em sua construção visual. Zendaya é outra referência que também incorpora bastante alfaiataria ao seu estilo pessoal. Assim como as sapeuses, que ocupam o espaço da La Sape, essas mulheres transformam a elegância em um gesto de afirmação e liberdade, mostrando que o dandismo ne-

gro também é território de reinvenção feminina.

Trazendo para os dias atuais, o dandismo negro se manifesta em variadas áreas da cultura e segue encontrando novas referências a cada geração, como Jean-Michel Basquiat, André Leon Talley, Pince e LeBron James que incor-

poram a estética traduzindo o dandismo em presença e estilo pessoal. Já marcas como Balmain, com direção criativa de Olivier Rousteing, exploram uma estética opulenta, enquanto

criadores como Martine Rose subvertem a alfaiataria tradicional com novas silhuetas e influências do streetwear. Nesse contexto, o dandismo contemporâneo mantém elementos centrais da alfaiataria e acrescenta o uso de acessórios, cores e padrões ousados incorporando referências globais e diásporas, misturando tecidos, estilos e narrativas culturais fugindo de uma re-

leitura européia e transformando o vestir em uma afirmação identitária. A influência de Virgil Abloh como diretor artístico da Louis Vuitton e da Off-White exemplifica essa transição ao introduzir códigos da cultura negra nos espaços da moda mais elitizados. Concomitantemente, figuras como Billy Porter e RuPaul desafiam normas de gênero, demonstrando e reforçando o caráter de liberdade e ruptura do estilo.





Difícil de definir de maneira única, o dandismo negro atravessa séculos, adapta-se a diferentes contextos e se reinventa continuamente: se no início estava ligado à sobrevivência em um mundo que buscava apagar subjetividades negras, com o tempo passou a florescer como expressão criativa, se mantendo fiel à sua essência de resistência enquanto acompanha as transformações culturais, ocupando tanto as passarelas quanto a cultura visual global. Um dos eventos mais icônicos do calendário de

moda, o Met Gala, serviu como um palco para a celebração da estética e da influência cultural do dandismo negro, inspirado no livro *Slaves to Fashion: Black Dandyism and the Styling of Black Diasporic Identity* - *Escravos da Moda: Dandismo Negro e o estilo da identidade negra diaspórica*. Em 5 de maio de 2025, o tema do Met Gala foi "Superfine: Tailoring Black Style", em homenagem à rica tradição cultural que moldou a moda contemporânea e ressaltou a importância de reconhecer e valorizar essas contribuições.

Michael B. Jordan, que recentemente ganhou o Oscar de Melhor Ator pelo filme "Pecadores", era uma presença aguardada no Met Gala. No entanto, ele não pôde comparecer devido aos compromissos relacionados à intensa turnê de promoção do filme. Em "Pecadores", dirigido por Ryan Coogler, ele incorpora personagens que usam figurinos que remetem à estética da década de 1930, com trajes que facilmente podem ser associados ao dandismo. Amplamente reconhecido por seu estilo elegante e sua afinidade com a alfaiataria, essa conexão destaca Jordan como um excelente exemplo de como o dandismo se manifesta na cultura contemporânea. Sua atuação no cinema e seu estilo pessoal reforçam a relevância da moda como uma forma de expressão cultural e afirmação de identidade.

Ao escolher esse tema, considerando uma instituição historicamente branca, há um grande risco de esvaziamento de pauta considerando o histórico de apropriação cultural. O que se espera é que o convidado tenha assumido um posicionamento de compreensão e respeito ao escolher profissionais negros, no designer, beleza ou no styling visando fomentar a comunidade negra, fazendo jus ao tema proposto. O movimento do dandismo negro vai além de momentos e eventos estéticos, como o Met Gala. É fundamental valorizar o contexto político e cultural que sustenta esse movimento.

No Brasil, o dandismo negro se manifesta na interseção entre alfaiataria, identidade e afirma-

ção cultural, mesmo que de maneira menos concentrada e sem identificação real dessa origem. Estilistas como Isaac Silva e Paulo Melim Anders e marcas como Dod, Meninos Reis, Dendzeiro e Apartamento 03 vêm resignificando a alfaiataria a partir de referências afro-brasileiras, misturando um olhar que une estética e narrativa política. Paralelamente, figuras públicas como Lázaro Ramos, Seu Jorge, Rafael Zulu, Maju Coutinho, Érika Hilton e Djamila Ribeiro consolidam uma imagem de elegância que dialoga com o dandismo contemporâneo e valorizam a estética incorporando a proposta e sendo expressão com consciência e representação, transformando a aparência em ferramenta de visibilidade e afirmação. Então, ao observar a ascensão da alfaiataria na moda contemporânea e compreender sua simbologia, o dandismo negro evidencia que o vestir-se ultrapassa a estética, é cultural, social e político. E as estruturas criadas acerca de tudo o que envolve, deixam resquícios que perduram. Mas, ao mesmo tempo que os questionamentos se fazem necessários, também é necessária uma leitura contemporânea e o reconhecimento da nova roupagem que lhe é agregada, com mais oportunidade e identidade, fazendo com que o movimento seja reconhecido em grandes eventos, ampliando sua visibilidade e tensionando seus significados. É a comunicação não verbal transformando símbolos em linguagem e evidenciando a complexidade das contradições de um sistema que se coloca entre a liberdade de reinvenção e o peso da provação.



p o leir o

ARTE PARA ALÉM DO ESPETÁCULO

Projeto valoriza a experimentação artística e abre espaço para a criação em diferentes linguagens

Ao chegar, um lugar que parece íntimo e reservado, mas ao entrar, se expande em tamanho e possibilidades. O Poleiro é uma iniciativa recente na cena cultural independente de Beagá que surge com a proposta de ser mais do que um ponto de programação artística.

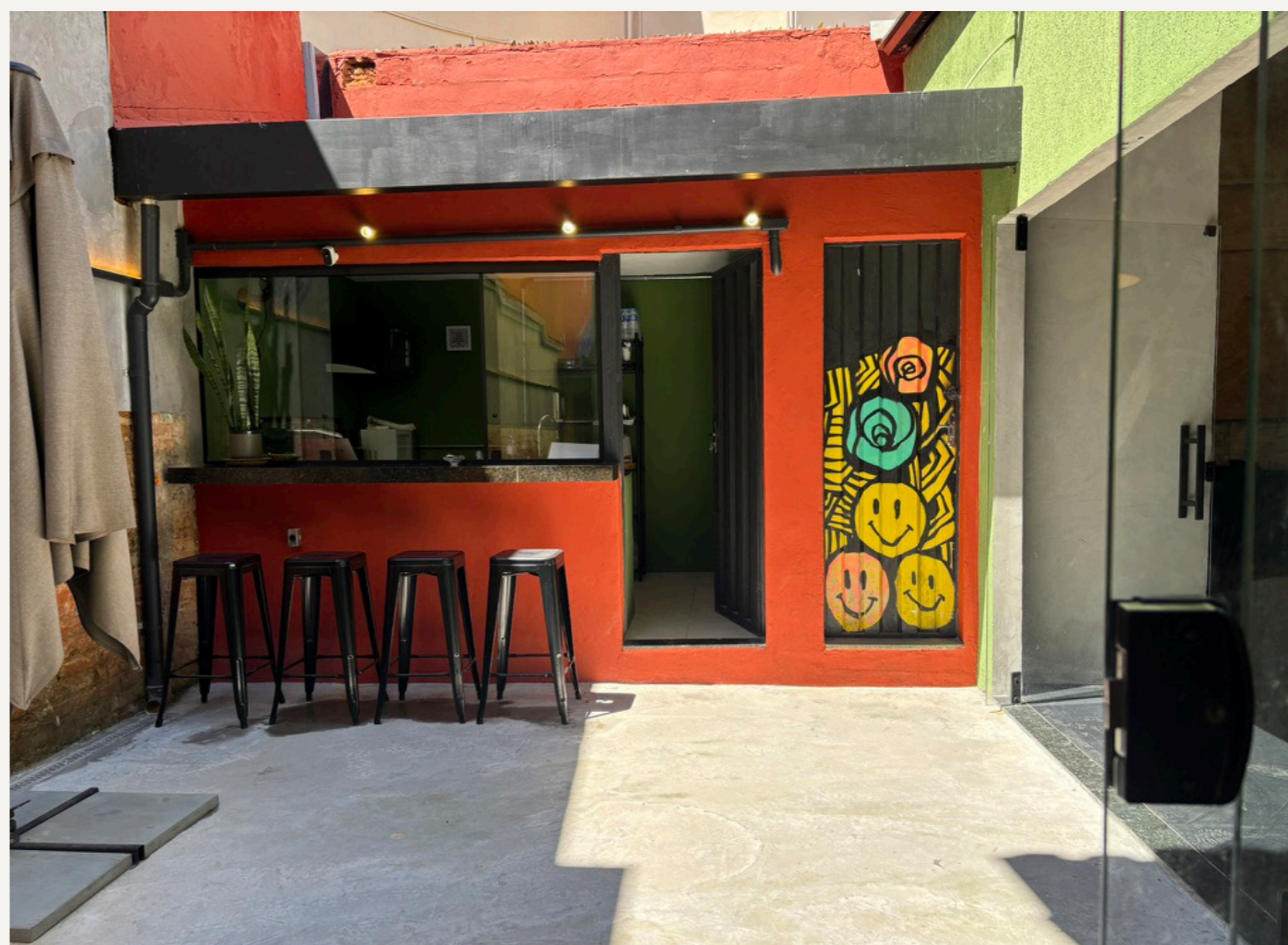
O Poleiro se apresenta como um lugar de encontro entre diferentes trajetórias e variadas linguagens. A arte se manifesta não apenas como espetáculo, mas como processo e experiência compartilhada. A ideia é unir teatro, dança, música, oficinas e encontros em um único ambiente que se adapta de acordo com quem o ocupa.

O idealizador do Poleiro é o ator, cantor e compositor Gustavo Fraga e o espaço surgiu a partir de uma demanda pessoal de experimenta-

ção artística e um reconhecimento de que essa demanda era, no entanto, coletiva.

“Senti uma necessidade de ter um espaço maior para poder me experimentar tanto no teatro, no audiovisual, na música, e proporcionar essa mesma experiência para outros artistas independentes.”

O nome não surge por acaso. Inspirado no teatro Poeira, no Rio de Janeiro, “Poleiro” carrega consigo a ideia de pausa e coletividade: um lugar onde se pode estar, ainda que por um instante, antes de seguir. A intenção é que os artistas independentes possam se empoleirar, com segu-



rança para explorar, sentindo o calor do público em um ambiente intimista e da troca decorrente do convívio com outros talentos. Validando a cultura e valorizando a arte através da criação livre, o Poleiro se coloca como o passo após a ideiação, é o suporte para quem quer colocar em prática e se entender como artista — e para isso, é necessário estrutura. Por isso o Poleiro conta com salas de reunião, área para dança e workshops, anfiteatro de pequeno porte com capacidade para 40 pessoas e um bar/café.

O espaço valoriza o processo criativo, não apenas o consumo da obra final. Por isso, suas atividades integram formação, criação e apresentação. A agenda fixa reúne aulas de dança nas modalidades: jazz funk, dança contemporâ-

nea e danças urbanas, além de teatro musical; e uma vez por mês, recebe o festival DePertto que apresenta artistas autorais da cena musical.

Nessa perspectiva, uma força se revela, a capacidade do Poleiro de acolher diferentes tempos em um ciclo não linear de aprendizado, experimentação e expressão plena.

O público não é definido com facilidade, e talvez nem deva. Entre curiosos e artistas, a única certeza é uma rede viva em constante mutação disposta a aplaudir a construção orientando-se a partir das propostas e da expressão individual de cada um.

Um diferencial do Poleiro está na aliança entre estrutura e projeto que resulta em uma proposta artística.



“Penso muito mais nas propostas artísticas do que no público em si [...] Por exemplo, o De Perto, que é um palco para os artistas da música pop autoral cantarem. Eu, como artista autoral também, reconheço que é muito difícil ter um lugar pra você tocar, começando. Se você vai tocar num bar ou em algum evento, você não vai tocar suas músicas. Então eu acho que abrir o espaço é abrir a proposta artística também, sabe? Eu acho que isso é um ponto daqui.”



Então a arte se apresenta como linguagem de conexão e nesse contexto a ideia de função social deixa de ser discurso e vira prática cotidiana presente no acesso e no propósito. Apesar das dificuldades de se manter um espaço como esse, em um mundo onde a arte é subvalorizada, a existência do Poleiro transborda o ambiente físico e o transforma em território simbólico.

Se você deseja ampliar o repertório e se aproximar da arte autoral que pulsa na cidade, o Poleiro merece entrar na sua rota cultural. Localizado na Av. Getúlio Vargas, 1635, no bairro Funcionários, o espaço abre portas para quem deseja assistir a apresentações intimistas, acompanhar processos criativos de perto, ou até se experimentar através de uma aula. E o convite



se estende aos artistas independentes que buscam um lugar para criar, ensaiar e apresentar seu trabalho nas mais diversas linguagens. Empoleirar é segurança e liberdade. A proposta é: estar presente, ocupar, testar, conectar trajetórias e aplaudir a construção, fortalecendo uma cena cultural viva, de perto.

No fim, o Poleiro parece ser isso: um lugar que aguça os sentidos e encanta o olhar, uma tela em branco que permite criar, abrigo para quem decide pousar — e impulso para quem precisa voar.

Texto de Kahenna Ochay, baseado em entrevista com Gustavo Fraga

Um passeio pela *diversidade* da *psicologia*



A psicologia costuma despertar curiosidade e, ao mesmo tempo, certa confusão. Quem decide procurar terapia frequentemente se depara com um universo cheio de nomes diferentes: psicanálise, terapia cognitivo-comportamental, gestalt-terapia, psicologia humanista, entre outras. Para quem está de fora, pode parecer que cada abordagem fala uma língua própria. Mas, mesmo com suas diferenças teóricas e na prática clínica, no fundo, todas se dedicam à mesma pergunta fundamental: o que o sofrimento revela sobre a história de um sujeito e como essa experiência pode ganhar novos sentidos ao ser colocada em palavras.

A diversidade de abordagens na psicologia não é um problema — é, na verdade, uma riqueza. A experiência humana é complexa demais para caber em uma única teoria. Cada abordagem ilumina aspectos diferentes da vida psíquica, como se fossem ângulos distintos de um mesmo fenômeno. Ainda durante a graduação, os futuros psicólogos se deparam com um momento importante de escolha. Ao longo da formação, entram em contato com diferentes teorias e modos de compreender a vida psíquica, mas em algum ponto são convidados — de maneira mais ou menos explícita — a se aproximar de uma abordagem clínica específica. Isso não significa ignorar

as demais perspectivas, mas reconhecer que cada teoria possui seus próprios conceitos, métodos e formas de escuta. Tentar aplicar todas ao mesmo tempo, misturando técnicas e ideias sem um eixo claro, pode gerar mais confusão do que clareza.

Na prática clínica, essa mistura indiscriminada costuma ser até catastrófica: em vez de sustentar um campo de escuta consistente para o paciente, o terapeuta corre o risco de transformar a sessão em um mosaico teórico sem direção. Por isso, escolher uma orienta-

pouco, serem transformadas.

Já a terapia cognitivo-comportamental (TCC) enfatiza o papel dos pensamentos e das interpretações que fazemos sobre o mundo. Situações difíceis acontecem a todos, mas a forma como pensamos sobre elas pode intensificar ou aliviar o sofrimento. Nessa abordagem, o trabalho terapêutico muitas vezes envolve identificar padrões de pensamento, questioná-los e desenvolver novas maneiras de lidar com emoções e comportamentos.

— “O sofrimento fala — a terapia escuta e transforma.”

ção não é um gesto de fechamento, mas um modo de construir profundidade, rigor e coerência no trabalho clínico.

A psicanálise, por exemplo, parte da ideia de que grande parte do que sentimos e fazemos não é totalmente consciente. Experiências da infância, conflitos internos e desejos muitas vezes reprimidos continuam atuando na vida adulta, mesmo que não percebamos claramente sua influência. O sofrimento, nessa perspectiva, aparece quando certos conflitos não encontram uma forma de elaboração. A terapia se torna então um espaço de fala e escuta onde essas histórias podem emergir, ganhar sentido e, pouco a

A gestalt-terapia, por sua vez, valoriza muito a experiência presente. Em vez de focar apenas na história passada ou nos padrões de pensamento, ela procura ampliar a consciência do que a pessoa sente, percebe e faz no aqui e agora. O sofrimento aparece muitas vezes quando a pessoa perde contato consigo mesma, com suas emoções ou com o ambiente ao seu redor.

A psicologia humanista, influenciada por autores que valorizam o potencial de crescimento humano, parte da ideia de que cada pessoa possui recursos internos para se desenvolver. O papel do terapeuta é oferecer um espaço de escuta empática, autêntica e respeitosa, no qual o indivíduo possa se re-



conhecer e fortalecer sua autonomia.

Há ainda outras perspectivas — como abordagens sistêmicas, que olham para as relações familiares e sociais, ou linhas fenomenológicas que buscam compreender a experiência subjetiva tal como ela é vivida. Todas, de diferentes maneiras, tentam responder ao mesmo desafio: como ajudar alguém a compreender sua própria experiência e encontrar novas possibilidades de viver.

Para quem procura terapia, conhecer um pouco dessa diversidade pode ser útil. Muitas pessoas acreditam que escolher um terapeuta é apenas uma questão de currículo ou indicação. Esses fatores são importantes, claro, mas existe algo ainda mais fundamental no processo terapêutico: a relação que se estabelece entre paciente e terapeuta.

Na tradição psicanalítica, essa relação ganha um nome especial: transferência. Transferência é o fenômeno pelo qual sentimentos e formas de relação que aprendemos ao longo da vida aparecem também na relação com o terapeuta. Expectativas, afetos, medos e desejos podem se manifestar nesse vínculo. Aquilo que vivemos com pais, parceiros, amigos ou figuras importantes da nossa história, muitas vezes se reencena — de maneira sutil — no espaço da terapia.

Entre essas manifestações, a psicanálise fala de algo curioso e poderoso: a chamada transferência de amor.

Apesar do nome, não se trata necessariamente de um amor romântico no sentido comum. A expressão descreve um investimento afetivo profundo que o paciente dirige ao terapeuta. Esse vínculo pode envolver admiração, confiança, dependência ou até idealização. Longe de ser um problema, esse movimento é considerado um motor do processo analítico.

Por quê?

Porque é justamente nesse campo afetivo que os padrões de relação da pessoa aparecem com mais clareza. Ao se manifestarem na relação terapêutica, eles podem ser reconhecidos, pensados e elaborados. Aquilo que antes era vivido de forma repetitiva e inconsciente começa a ganhar palavras e compreensão.

O terapeuta não corresponde a essa transferência no sentido cotidiano — não entra no jogo afetivo como se fosse uma relação comum. Seu papel é sustentar um espaço de escuta que permita compreender o que está acontecendo ali. A transferência, então, deixa de ser apenas repetição e passa a se tornar matéria de trabalho psíquico.

Para quem está buscando terapia, isso ajuda a entender algo importante: nem sempre

o processo começa com grandes insights ou mudanças imediatas. Muitas vezes ele começa simplesmente com a possibilidade de falar e ser escutado. Aos poucos, na relação construída sessão após sessão, certas emoções e histórias começam a aparecer de maneiras novas.

Por isso, ao escolher um terapeuta, vale prestar atenção em algo simples, mas fundamental: você sente que pode falar ali? Existe espaço para ser escutado sem julgamentos? Há curiosidade genuína sobre sua experiência?

Esses elementos costumam ser mais importantes do que qualquer técnica específica.

Também é bom lembrar que a terapia não é um lugar de respostas prontas. Diferentemente do que às vezes se imagina, o terapeuta não funciona como alguém que entrega soluções para os problemas da vida. O trabalho clínico envolve explorar perguntas, ampliar perspectivas e construir sentidos que talvez ainda não tenham sido formulados.

Cada pessoa encontra seu próprio caminho nesse processo. Alguns procuram tera-

pia em momentos de crise; outros chegam movidos por curiosidade sobre si mesmos; há quem busque compreender repetições na vida afetiva, dificuldades emocionais ou simplesmente o desejo de viver com mais consciência.

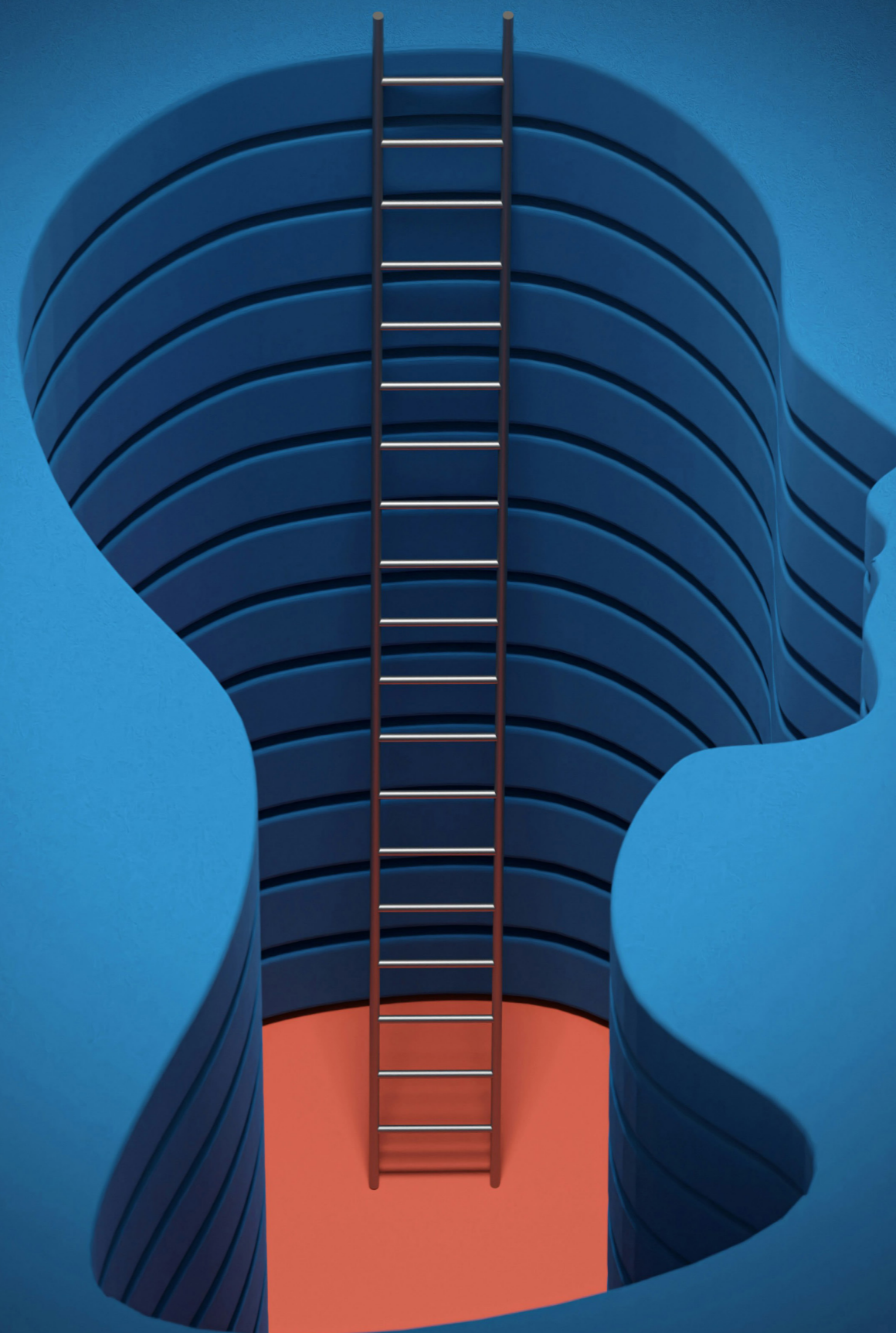
O importante é saber que existem diferentes caminhos possíveis dentro da psicologia — e que todos eles, à sua maneira, procuram oferecer algo raro no mundo contemporâneo: tempo para falar, escuta atenta e espaço para pensar sobre a própria vida.

E se, ao longo desse caminho, você descobrir que sentimentos inesperados começam a surgir na relação com o terapeuta, não se assuste. Na tradição psicanalítica, isso costuma ser sinal de que algo importante do seu mundo interno começou a se mover.

Aliás, falando em psicanálise... convém confessar algo ao leitor antes de terminar este texto.

Quem escreve estas linhas, por acaso — apenas por acaso — é psicanalista. Mas prometo que essa revelação não é transferência... é só sinceridade mesmo.

— “[...] *terapia não é um lugar de respostas prontas.*”



Buscas, buscas e buscas...

Falar sobre um clássico é desafiador, já existem tantas análises e tantas interpretações já feitas que parece que a nossa própria não é autêntica. E falar de um clássico da Clarice Lispector é desafiador ao quadrado. Mas, se consigo aprender algo depois de ler, pela quarta vez, *A hora da Estrela*, é que as experiências humanas são formadas por camadas e camadas de sentimento, buscas, perdas e encontros — consigo mesmo e com o outro.

“[...] Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”

Esse pequeno verso resume a visão do narrador onisciente, Rodrigo S.M., que nos conta a história de Macabéa, a protagonista. Tanto no começo quanto no final do livro, somos inundados pelas reflexões dele sobre a vida e a morte — muitas vezes deixando sair a própria Clarice nas palavras —, em versos tão densos que é preciso ler muitas vezes para compreender um pouco da profundidade do que ele quer transmitir. Esse antagonismo do viver e morrer perdura ao longo de todo o livro e acaba se refletindo em Macabéa.

Macabéa é uma alagoana que vem ao Rio de Janeiro com sua tia, depois da morte de seus pais, para tentar a vida como datilógrafa — profissão que ela toma para si como identidade de pertencimento e importância no mundo, pois está em busca de algo que não sabe o que é. Ela sabe que não é; não é o quê? Simplesmente não é. Essa é a inquietação que nos acompanha durante toda a narrativa.

Quando tento entender o que Macabéa não sente, sendo aquilo que ela não é, parece que sou engolido por uma espiral de pensamentos, uma busca por respostas, concordâncias que me desesperam — mas talvez essa fosse a intenção de Clarice. É possível sentir que esse era seu último ato, sua última escrita, já que ela faleceria pouco tempo depois da publicação desse livro, em 1977. Percebe-se isso no fascínio pela morte e desdém pela complexidade do viver.

O primeiro grande momento da vida de Macabéa ocorre quando ela encontra seu primeiro namorado, nordestino como ela, mas da Paraíba. Há, entre os dois, muitas coisas em comum, como o fato de ambos estarem procurando seu lugar no mundo. Os dois têm orgulho de suas pro-



Clarice Lispector. *Esperança*, 1975. Acrílica sobre madeira, 30x40cm. Acervo do Arquivo de Literatura do Instituto Moreira Salles.

— *“porque tudo que amadurece plenamente pode apodrecer. Tudo que alcança sua forma plena, depois, só resta estragar.”*



Clarice Lispector

fissões: ele, metalúrgico; ela, datilógrafa. A principal diferença entre eles, porém, é que Olímpico de Jesus sabia que não era ninguém, que era pobre de existência e posição no mundo, mas ele tinha sede de ser alguém — não ele próprio, mas alguém inventado, alguém que ele julgasse ser digno de viver.

Quando estamos largados no mundo, sem saber quem somos, aonde queremos chegar, ou quando não temos um amigo que nos situe e nos traga de volta para nós mesmos, podemos ser levados para todo lugar — ou lugar nenhum —, e até mesmo uma cartomante charlatã pode ter o poder de influenciar nosso destino (o que acontece com ela). Talvez a hora do nascimento da estrela seja quando ela morre, já que

tudo que existe nasceu porque o que existia antes desse universo morreu e explodiu.

A hora da Estrela nos confronta com nosso interior: se realmente somos quem dizemos ser e se acreditamos na pessoa que dizemos que somos. Sinto que falta algo em minha recomendação desta edição, como se uma peça faltasse nesse quebra-cabeça e eu não consigo achar essa peça em mim para compartilhar com você, nosso leitor.

Mas acho que Clarice ficaria feliz em saber que me sinto assim: incompleto, incapaz — porque tudo que amadurece plenamente pode apodrecer. Tudo que alcança sua forma plena, depois, só resta estragar.



Colaboradores desta edição



Carlos Rocha

Editor-chefe e diretor criativo

Formado em Moda, com pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Uma alma impetuosamente criativa, movida por design e cultura.



Kahenna Ochay

Editora-chefe e curadora

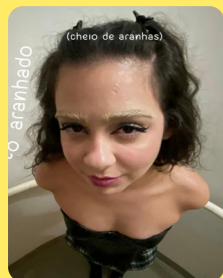
Comunicadora social e publicitária apaixonada por astrologia, linguagem e pelas pequenas belezas da vida. Metade razão, metade poesia



Warley Meier

EXPRESSÃO

Vejo na criatividade não um dom, mas uma regra de vida. Entre linhas e ideias, mergulho em mundos diversos através de animes, séries, filmes, mangás e livros — narrativas que alimentam meu imaginário e expandem meus horizontes. Vivo a arte em cada detalhe do cotidiano, transformando instantes simples em experiências carregadas de significado.



Daniela Diniz

EXPRESSÃO

@souldaselva

Nascida no Pará, vive em BH desde os oito anos. É formada em Pedagogia e professora da Educação Infantil, onde aprende diariamente a olhar o mundo com curiosidade e encanto. Entre colagens, palavras e rasgos de papel, a arte surge como jogo e poesia do cotidiano — um jeito atento e divertido de criar e existir.



TCS

EXPRESSÃO

Poeta, fotógrafo e designer nas horas úteis. Faço arte como quem faz uma tatuagem, pra registrar e admirar com o tempo. Sou uma confraria de vivências muito particulares que podem ser brevemente observadas no que eu faço pra respirar.



Kiara Almeida

OLHAR CAERU

@kiara.allmeida

Social media e designer gráfica, com formação também na área da moda, desenvolve seu trabalho a partir da interseção entre comunicação, cultura visual e análise criativa, com um olhar esteticamente apurado e mantendo uma relação constante com as linguagens da moda e as tendências de comportamento.



Andressa GoRes

OLHAR CAERU

@andressagores

Jornalista e há 12 anos atua na área de Saúde e Jornalismo Científico. Atualmente é Fundadora e Marketing Product Development Manager na Essah Comunicação, em Patos de Minas / MG. Formada em Comunicação Social pelo Uni-BH, cursou também especialização em Comunicação e Saúde, pela Escola de Saúde Pública de MG.



Gustavo Fraga

COTIDIANO CRIATIVO

@poleirocultural

Ator, cantor e compositor formado pelo Espaço Cênico Escola de Atores (BH). Bacharel em Administração (Fumec) e em Canto Popular (UNIS). É idealizador do projeto social Musicando nas Escolas e do Festival Epopbh. Também é fundador do [Poleiro](#), espaço cultural dedicado ao fortalecimento da arte e da cultura mineira.



Hebert Souza

PENSAR É CRIAR

@bettoosouza

Psicólogo na Atenção Primária do SUS-BH e psicanalista em consultório particular. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela UFMG e especialista em Gestão Pública Municipal pela UEMG. Atua como docente em pós-graduação e integra os Núcleos de Pesquisa em Psicanálise, Psicose e Saúde Mental do IPSM/EBP-MG.



Henrique Reis

INSPIRAÇÃO

@henriquereisreal

Vinte e seis aninhos de muitas aventuras, belo-horizontino de coração e metropolitano de nascimento. De humanas e das exatas, amante da arte em geral. CLT de segunda a sexta e menino da noite nos fins de semana. Graduado em Processos Gerenciais, encantado por BH, suas histórias, suas curvas e seu povo.

Caeru

@revistacaeru

revistacaeru.com.br

revistacaeru@gmail.com